

## FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

SUBSCREVE-SE A 25000 RS. POR TRI-  
MESTRE (13 NUMEROS) E VENDE-SE CADA  
FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SEGUNDA-FEIRA 21 DE ABRIL.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERAN-  
CA, IMPRESO POR MANOEL PEREIRA  
RAMOS, NA RUA FORMOZA CAZA N. 2.

## EXTERIOR.

## ESTADOS-UNIDOS.

*New-York, 15 de janeiro de 1848.*

MEXICO, QUERETARO E WASHINGTON.

As notícias de Vera-Cruz até 29 de dezembro vierão finalmente esclarecer os sobre o verdadeiro estado de coisas tanto em Queretaro como no Mexico. Longe de confirmarem os boatos pacíficos que corria há tempos, fazem-nos saber que o general Scott mandou ocupar todo o paiz, do qual ficará de posse o exército americano até que o governo mexicano queira assignar um tratado de paz que os Estados Unidos possam aceitar.

As ordens do general Scott, tanto a respeito da ocupação como relativamente aos impostos que terão de pagar as populações conquistadas para manutenção do exército americano, não são senão o princípio da execução do plano desenvolvido pelo Sr. Polk na sua mensagem. É a inauguração do seu sistema de ocupação permanente e de contribuições forçadas.

A tarefa que vai emprehender o exército americano parece fácil. Os Mexicanos não tem sabido tirar proveito das lições da desgraça, a união que por um momento parecerá a ponto de reunir em um mesmo pensamento e em um mesmo esforço os últimos representantes da nacionalidade moribunda, teve a duração que tudo parece ter nessa desventurada república. Os membros do congresso dispersaram-se após algumas discussões sem resultado, e os governadores dos estados que outrora convocados em Queretaro prometeram o seu apoio ao governo central para salvar a pátria, esquecerão suas promessas apenas chegáram a suas residências. A administração do presidente Anaya, inaugurada há algumas semanas com tão favoráveis auspícios, e que presagiava um novo estado de coisas em um futuro próximo, acha-se hoje sem recursos e sem congresso, sem socorros materiais e sem apoio moral, encarregada em uma palavra da responsabilidade de uma situação desesperada, sem nenhum dos meios que poderia permitir-lhe fazer face a essa situação ou tirar-se dela.

Estão terminadas porém as novas eleições, e espera-se que dentro de pouco tempo os deputados e senadores nomeados se reunirão em Queretaro para installarem a nova legislatura. Talvez que este congresso menos gasto que o transacto pelas vissitudes destes dous annos, encontre em sua mocidade política a necessária energia para tomar uma resolução. Podemos porém duvidar que isso aconteça quando veamos o governo mexicano ocupar-se neste momento supremo das intrigas mais ou me-

nos reaes que as monarquias europeas podem tramar contra a república. "Medidas secretas, diz pomposamente uma correspondência, acabão de ser tomadas para pôr termo às intrigas e progressos desses inimigos, mas temeu-se que aquelles com quem estamos em guerra aberta." Singular preocupação, em verdade, em semelhante momento! E não tínhamos nós razão para recordar outrora a essa crença da antiguidade: "Que Deus faz enlouquecer os povos condenados a perecer?"

D'ora avante a conquista dos Estados Unidos no Mexico e os projectos de absorção que nutrem alguns homens políticos em Washington, já não tem dique e obstáculo serio senão na vontade do proprio congresso americano. E para o capitolio que fui hoje transportada a guerra do Mexico, porque pôde dizer-se ousadamente, em presença de que ocorre, que as consequências desta guerra só pararão onde os Estados Unidos quiserem que parem.

A este respeito falla-se de uma mudança que subitamente se manifestou na atitude dos whigs. A presença de Henry Clay em Washington produziu uma reconciliação completa entre as diversas fraccões do partido, reconciliação que se tornou fácil pelo desejo que existe de pôr os projectos ambiciosos da administração. Decidi-se consequentemente que se combatêra todas as medidas tendentes a prolongar a guerra e aggravar as suas consequências. Em virtude desta coalizão, o bill dos dez mil homens hoje em discussão no se não corre grande risco, segundo dizem os correspondentes, de ser rejeitado na cámara dos representantes.

A vista disto, pôde considerar-se até certo ponto como a nova profissão de fé do partido whig, o discurso pronunciado no senado no dia 13 pelo Sr. Pearce, de Maryland, que fulminou o anathema contra esta guerra, e declarou "que não votaria nem por um homem nem por um dollar mais para proseguir esta guerra, se bem estivesse disposto a votar as sommas necessárias para sustento das tropas actualmente no Mexico."

E' um meio termo de um valor mesquinho, porque é a prolongação do *status quo* e de todas as suas desvantagens. A esse alvitre mixto, preferi nos as proposições decisivas e francas daquelles que querem redobrar os esforços para arrancar ao Mexico a paz, pelo temor de uma absorção completa, ou que querem que se renuncie absolutamente a toda a idéia de conquista.

No caso de prevalecer no congresso esta ultima resolução, teremos de ver um epílogo extravagante a esse drama tão ouvidamente começado, mas do qual se poderia dizer com Horacio: *desinit in pisca mulier formosa superne.*

*(Jornal do Commercio.)*

## REVOLUÇÃO FRANCESA.

*(Continuado do n. 438.)*

Folhas de 5.—Nos hospitaes de Paris havia 428 feridos—sendo 350 paisanos e 78 militares.

No dia 4 chegou a Claremont, proximo a Londres, o rei Luiz Filippo e sua augusta esposa, com os titulos de conde e condessa de Neuilly. Com os augustos emigrados vieram os generais Dumas, e Romigny e dous criados. Sahiram de Paris em direitura a Versailles onde alugaram uma reles carruagem e sahiram para Dreux, onde se esconderam em casa de uma pessoa fiel e ali passaram a noite. Ali obtiveram vestidos ordinarios com que se desfazaram. Luiz Filipe cortou as suíças, tirou a cabellera e tomou um boné e um capote velho, e assim foi na manhã seguinte para Ferté-Vidame, d'ali seguiram a costa por espaço de 15 legoas até Honfleur, onde chegaram no dia 26 de fevereiro ás 5 da manhã, e d'ali passaram em um barco de pesca para o Havre onde embarcaram em um vapor inglez.

A duqueza de Orleans e os seus dous filhos chegaram a Ems, na Prussia no dia 2—saindo de França por Aix la Chapelle.

Mr. Guizot chegou a Dover no dia 2 de manhã, tendo embarcado em Ostenda.

A duqueza de Nemours, duque de Montpensier, conde de Eu e duque d'Alençon (filhos do duque de Nemours) e o general Lefevre chegaram a Portsmouth no dia 4 pelas 9 horas da manhã. Tinham embarcado em Granville.

O príncipe Luiz Napoleão saiu de Pariz e já tinha chegado a Londres.

Notícias de Bruxellas do dia 4 afirmam geralmente que não ha ali o mais pequeno receio de movimento revolucionário; que os Belgas não queriam ser senão Belgas.

Folhas de 6—Na quinta-feira, 2 de março teve uma longa conferencia o embaixador inglez com Lamartine, na secretaria dos negócios estrangeiros, mas ainda não na qualidade de ministro acreditado.

Na sessão do dia 4 o governo provisório fixou a convocação das assembleias eleitorais para o dia 9 de abril proximo e a reunião da convocação nacional constituinte para o dia 20.

Na mesma reunião foram decididos os seguintes princípios gerais, que serão publicados:

- 1.º Que a assembleia nacional decretará a constituição.
- 2.º Que a eleição terá por base o numero da população.
- 3.º Que os representantes do povo serão 900.
- 4.º Que a eleição será directa e universal em todo o sentido.
- 5.º Que todos os franceses de 21,

amos podem ser eletores; e os de 25 eleitáveis.

6.º Que o escrutínio será secreto.

O imperador da Russia estava gravemente doente. Esta notícia espalhou-se em Berlin no dia 29 de fevereiro.

A Prussia estava fazendo preparativos extraordinários militares; um corpo de 25 mil homens era destinado para o Rheno.

O director geral do correio fez público, que toda a correspondência devia ser dirigida d'ora em diante, ao cidadão F., ficando banida a prática dos tratamentos adoptados.

Na sessão da camara dos lords do dia 29 de fevereiro disse o marquez de Clarincarde ter sido falsa a notícia espalhada sobre o incendio da mala para a India em Pontoise. E na sessão da camara dos communs do dia 28, lord John Russell respondendo a uma interpelação de Mr. Hume, declarou que o governo inglez nenhuma tensão tinha de interferir ou de se embarçar por qualquer modo com a forma de governo que os fracezes viesssem a escolher, nem com os seus negócios internos. Esta resposta do ministro mereceu a approvação de toda a camara.

(*Do Progresso.*)

## INTERIOR.

Recife, 7 e 9 de Abril de 1848.

—Hontem, já pela tarde, recebemos carta do nosso correspondente de Santo-Antão, datada a 4 do corrente, na qual nos dizia elle que até esse dia nenhum conflito se dera entre gente do engenho *Lages* e a força que o sitiava, suposto que semelhante força estivesse sendo aumentada, de dia para dia, com diversos contingentes de guardas nacionaes. Entretanto, hontem mesmo e á hora indicada, uma pessoa, chegada das bandas de Santo-Antão, e que acertou de vir á nossa casa, assegurou-nos que, nas immediações do engenho *Suassuna*, estivera com alguns individuos, saídos dessa comarca na manhã de 5, os quaes lhe afirmaram traíam officios para a presidencia, informando-a de ter havido, na noite antecedente, um choque entre a força das *Lages* e a da polícia, no qual esta perdeu algumas praças, ficára com outras feridas e deixára em poder da adversa quarenta e tantas armas, juntamente com algum cartucho.

A ser isto exacto, certo que he para lastimar que o Sr. subdelegado da Escada, menos prudentemente sem dúvida, e sem a moderação e reflectida calma, que devem de caracterisar os agentes da autoridade de publica, tivesse provocado a semelhante acto, o Sr. coronel José Pedro Velloso da Silveira ou a algum dos amigos que se agruparam em derredor delle, presuadidos de que o varejo do engenho *Lages* a nada menos tendia do que a expôr o seu proprietário aos furores daquelas que, não sabemos porque, desde muito lhe votam concentrado odio.

—Baldos de noticias circumstanciadas ácerca do interior da província, supõmos, todavia, que para as bandas da Escada os negócios teem tomado aspecto sério e perigoso; pois que, esta madrugada,

sahira para alli 50 praças de tropa de linha, e outras tantas de polícia, sob o commando do Sr. tenente Pedro Afonso Ferreira; e, segundo nos informam, acham-se nesta capital alguns proprietários de engenhos sitos nessa freguezia, que mais se empênhavam porque fosse levado a efecto o varejo do engenho *Lages*.

### Negocios das duas Sicilias.

—Quando el-rei de Napoles se decidiu a ceder á torrente revolucionaria e a promulgar uma constituição, não havia outro meio de salvar a sua coroa.

De feito, já no dia 25 de janeiro, 8,000 Calabrezes se achavam em armas nas vizinhanças de Pozzuoli, e ameaçavam Salerno. No dia 27, mais de 30,000 Napolitanos, congregados na rua de Toledo, reclamavam a constituição. Até aquele momento, el-rei ainda pretendia resistir e esmagar o povo, e para este fin mandou içar a bandeira encarnada em todas as fortalezas, a tropa inundou as ruas de Napoles, e os pontos principaes foram ocupados por peças de artilharia.

Uma carta de Napoles refere que naquelle momento el-rei Fernando achava-se no maior auge de ira, e dera ordem para que o general Roberti, comandante do forte de S.-Elmo, se preparamasse para bombardear a cidade, e que o general Statella, governador militar, dispersasse os ajuntamentos á força de armas.

O general Roberti deu a resposta seguinte: "Senhor, não tenho animo para bombardear nua florescente cidade, em que os antecessores de V. M. reinaram por muitos séculos; não tenho animo para semear a destruição entre um povo inofensivo e inerte; nesta cruel alternativa, prefiro resignar o meu commando nas mãos de V. M."

Ainda el-rei não havia acabado de ler esta resposta, e já entrava o general Statella, que também recusou admitter a multidão pacifica e desarmada. Este ultimo golpe exasperou el-rei a tal ponto, que, dirigindo-se aos ministros com um gesto ameaçador, bradou: *Todos são trahidores; estão demolidos, e saiam da minha presença.* Vê-se, pois, que a constituição napolitana foi arrancada à força; e que, se el-rei encontrasse quem o coadiuvasse, sem dúvida teria reduzido Napoles a cinzas, antes de fazer qualquer concessão.

Como quer que seja, os decretos de 29 de janeiro foram recebidos com geral entusiasmo, e as manifestações do regozijo popular duraram douz dias.

A 29, toda a população de Napoles e seus arrabaldes inundava as ruas da cidade, e por toda a parte fluctuavam bandeiras e fitas tricolores, maxime na rua de Toledo, em cujas varandas os homens e senhoras da mais alta aristocracia correspondiam aos vivas continuos da multidão.

S. M. apresentou-se a cavalo na rua de Toledo e a percorreu sozinho por entre as aclamações das turmas, que lhe testemunhavam a sua gratidão, com repetidos vivas á sua pessoa e á constituição, e descortinando entre um dos grupos o joven duque de Albaneto, que havia sido preso, poucos dias antes, por causa das suas opiniões políticas, chamou-o para o pé de si, e pediu-lhe que tirasse o topo

tricolor, dizendo-lhe: "para que usa dessas cores que nos pôdem envolver em dificuldade com as nações estrangeiras? Temos as nossas cores nacionaes, e a nossa constituição não nos obriga a mudar-las".

O joven duque prometeu a el-rei não usar mais do topo tricolor, e convidou-o a que aparecesse á noite no theatro de S.-Carlos. S. M. disse que iria no dia seguinte, e se dirigio a outros lugares da cidade. Numa dessas paragens foi elle acolhido por um grupo da mais infima classe do povo napolitano, o qual saudou-o com os gritos de *viva a el-rei, fóra a constituição.* S. M. parou, repreendeu-o, e avistando no meio do povo um frade, que, provavelmente, era o motor desta manifestação anti-liberal, ordenou-lhe que dissesse ao povo que a constituição era uma forma de governo como outra qualquer, e que elle (el-rei) adoptaria a livremente, porque a julgava mais conducente á felicidade dos seus subditos.

Na noite do mesmo dia, o theatro de S.-Carlos testemunhou nova demonstração de regozijo publico. O director do theatro ornava os actores com fachas e topes tricolores, o que excitou freneticos aplausos. Todos os espectadores levantaram-se como um só homem, agitando lenços e flamulas tricolores, e dando vivas a el-rei, á constituição, á *Pio IX e a Itália.*

No dia 30, se reproduziram as mesmas manifestações até uma hora mui adiantada da noite. El-rei dirigio-se no theatro de S.-Carlos, e ahi foi recebido com grande entusiasmo. Não se via um laço tricolor.

Era impossivel que estas manifestações de regozijo não fossem acompanhadas de algumas desordens. Os *lazzaroni* reuniram-se em alguns pontos da cidade, bradando: *viva el-rei, viva a santa fé, fóra a constituição*, mas a ordem foi restabelecida pelas tropas reunidas á guarda nacional e numerosos paisanos, pertencentes a parte mais distinta da população.

No 1º de fevereiro, S. M. publicou uma amnistia geral para todos os delitos politicos, commetidos desde 1830; e no dia 10 do mesmo mez promulgou a prometida constituição, que foi redigida por Bozzelli, actual ministro do interior, e antigo concelheiro de estado, no tempo de el-rei Morat.

Não daremos por extenso esta constituição; mas sómente um resumo succinto. Eis-lo:

O reino das Duas-Sicilias d'ora em vante será uma monarchia representativa.

O poder legislativo residirá conjuntamente no rei e no parlamento que se comporá, á maneira do parlamento francês, de duas camaras:—a dos pares e a dos deputados.

A nomeação dos pares pertencerá exclusivamente a el-rei, e o seu numero será illimitado. Os pares são vitalicios, e serão nomeados de entre os cidadãos maiores de 30 annos, que pertencerem a certas categorias. Os principes de sangue real são pares por direito de nascimento.

Os deputados serão nomeados por eletores; o seu numero será determinado pelo ultimo recenseamento, na occasião da eleição, havendo um deputado por cada 40,000 habitantes.

Os deputados serão nomeados por

cinco annos, e deverão gozar dos direitos de cidadão; ter mais de vinte e cinco annos; possuir certo rendimento; e não ter sofrido condenação criminal.

O poder eleitoral residirá nos cidadãos que pagarem certa quota de imposto, que será determinado pela lei regulamentar das eleições; serão tambem eletores os professores de varias academias científicas, e certos funcionários públicos. Os deputados que aceitarem empregos do governo serão subjetos à nova eleição.

A religião cathólica, apostólica, romana será a religião do estado, e se não tolerará qualquer outra religião.

A pessoa do rei he inviolável e sagrada, mas os ministros não responsáveis por todos os actos do governo e os devem referendar.

A acusação dos ministros que commetterem algum acto unconstitutional será privativa da cámara dos deputados; mas o julgamento pertence à cámara dos pares, e o rei não poderá perdoar a um ministro condenado, senão no caso de lhe ser requerido o perdão expressamente por uma das câmaras.

O rei he o chefe supremo do estado, faz a paz, declara a guerra, comanda as forças militares da nação e perdão os condenados. Pertence-lhe convocar a cámara annualmente, proroga-la ou dissolvêla quando julgar conveniente, com a condição de convocar nova cámara dentro de tres mezes. Pertence também ao rei a nomeação de todos os empregados, e nenhum desses actos terá o seu devido efeito, sem que seja referendado por um dos ministros.

Haverá um concelho de estado, composto de 24 membros nomeados pelo rei.

A imprensa será livre, e sómente subjetiva a uma lei de responsabilidade pelos abusos commetidos; e a censura prévia só existirá para as obras que tratarem de matérias theologicas, e a professo.

Não se estabelecerá taxa alguma sem o concurso das duas câmaras. A dotação real será fixada por lei, no principio de cada reinado.

Nenhuma tropa estrangeira poderá ser admitida no serviço do estado, nem tão pouco ocupar ou atravessar parte alguma do territorio napolitano, sem que uma lei especial lhe conceda a competente autorização.

A guarda nacional será organizada em todos os distritos do reino.

Ao passo que os Napolitanos testemunhavam o seu entusiasmo, a guerra civil ia lavrando pela Sicilia mais encarniçada que nunca. Os Palermitanos apoderaram-se de todos os pontos fortificados dos arredores de Palermo, a excepção do forte Castellamare; e as tropas que os ocupavam, a custo se retiravam para o acampamento do general de Saugé. A 28 de janeiro chegaram a Nápoles 200 homens feridos, e S.M. expediu imediatamente as ordens e os vapores necessários para reconduzir para a capital o general de Saugé e as suas tropas.

O embarque teve lugar em Salento, e as tropas napolitanas, para chegarem a este ponto, foram obrigadas a caminhar dous dias e duas noites, por entre as guerrilhas sicilianas, que as accommitem incessantemente. Na ultima noite erraram elas o caminho, e teriam sido aniquiladas pelos camponezes, se não encontrassem

um mendigo que, em cambio de alguns pedaços de pão, prestou se a guia-las. Estas reliquias do exercito napolitano chegaram em Nápoles a 2 de fevereiro, e o governo reenviou os vapores, não só para reconduzirem 800 homens que haviam ficado no forte de Castellamare, como também a guarnição da fortaleza de Trapani.

Os outros pontos de Sicilia, ainda ocupados por tropas napolitanas, estavam para serem em breve evacuados, á exceção das fortalezas de Syracusa e Milazzo.

Entretanto desastrosos acontecimentos tiveram lugar em Messina. O general Nunziante por varias vezes provocara os habitantes daquella cidade, e não obstante as ordens do general Domiciano Cardamona, commandante em chefe da província de Messina, essa cidade foi bombardeada. O consul de França e o commandante do navio de guerra inglez *Thetis*, endereçaram energicas reclamações ao general Cardamona, o qual lhes respondeu que o bombardeamento fora o resultado de um engano, porque elle havia dado as ordens convenientes, para que só se fizesse fogo sobre a cidade, em caso de bloqueio; e prometeu que o general Busacca, que havia ordenado o bombardeamento, seria enviado para Nápoles, afim de entrar em concelho de guerra.

As ultimas notícias de Nápoles referiam a chegada de lord Minto nessa capital e corria como certo que S.M. o rei Fernando, cedendo aos concelhos deste diplomata e do almirante Carlos Napier, assentira em outror a os Sicilianos a constituição de 1812, e por conseguinte o governo totalmente independente do de Nápoles. Resta saber se o écho da revolução francesa, repercutindo na Sicilia, suscitará novas complicações nos negócios desta parte da Itália.

(*Diário de Pernambuco.*)

## A REVISTA.

Maranhão 24 de Abril.

### ARTIGO 2.

—Por occasião da demissão do Sr. Franco de Sá não houve desfrute que não dessem os dois órgãos do partido exclusivista nesta província. O Observador preludiou com adulgações ao novo presidente e convicções ao velho, e espriou-se em recriminações pessoais, fazendo queixas e mexericos contra os diversos agentes e funcionários públicos; o Estandarte proropôe em declamações e imprecações theatrais, e applaudiu a queda do *tyranno* com fabulosos urrahs, comparando-a em seu delírio de febrilmente á do rei Luiz Felipe de França! É preciso ser Observador e Estandarte para transviarse assim nestes matagaes e atoleiros da política, divertindo com o ridículo espectáculo de suas zumbaias, esgares e conturções, ao público que os espreita e avalia. Basta para responder aos contemporâneos a simples comparação de alguns factos das administrações anteriores com os da que acabou.

No tempo do Sr. Lobo foi mandado sahir para fora da província o redactor do "Censor" (o Sr. Abranches). No tempo do marechal Costa Pinto foi recrutado o redactor do "Pharol Maranhense"

(o Sr. José Cândido). No tempo do Sr. Camargo foi recrutado o responsável do "Bemtevi". No tempo de Sr. Venâncio foi cercada e devassada a casa do redactor da "Oppinião Maranhense" (o Sr. Cândido Mendes) a pretexto de prender-se o editor responsável do Picapão (o Sr. José Mathias), e o Sr. Vital Vaz do Espírito Santo. No tempo do Sr. Moura Magalhães foi cercada e devassada a casa em que existia a typographia do "Echo da Opposição ou do Maranhão" a pretexto de recrutamento, preso o dono ou administrador da typographia (o Sr. José Cândido Leão), e recrutado um typógrafo que era capelão da Sé. No tempo do Sr. Angelo Moniz foi recrutado o editor de um miserável soneto (o Sr. Couceiro) já na véspera do dia em que o Sr. Angelo Moniz devia entregar a administração ao seu successor.

Entretanto no tempo do Sr. Franco de Sá a quem se baratava o epitheto de tyranno, nunca se observou cousa que com isso se parecesse. Nesse tempo a oposição sempre teve ampla liberdade de escrever e publicar quanto quizer, e como quizer, contra a administração, e até contra a pessoa do administrador. O Observador, o Estandarte e o Bemtevi, seu satellite, sahião todas as semanas recheados de virulentas deatributes, de incendiarias proclamações, de revoltantes calumnias e asquerosos insultos, sem que por parte da administração lhes fosse posto estorvo algum. Então forão respeitadas as typographias, os proprietários e operários destas, os redactores, editores e responsáveis de jornais, e a imprensa não teve outro correctivo senão a mesma imprensa.

Os recrutamentos mais violentos de que há memoria na província, tiverão todos lugar durante as administrações do barão (hoje conde) de Caxias, e do Sr. Miranda, nas quais forão recrutados e remetidos para o Sul cerca de cinco mil homens dentro do espaço de dois annos, poncio mais ou menos. E si bem que essas violentíssimas levas fossem feitas com a cór de castigar os que tinhaõ entrado na rebeldia de Raimundo Gomes, com tudo pagava o justo pelo peccador, como em tais ocasiões sempre acontece, pois erão indistintamente recrutados legalistas e rebeldes. Nos tempos dos outros presidentes, ou em que a província se não achava militarmente ocupada, apenas erão recrutadas algumas centenas de individuos, em rasão da grande repugnância que ha entre nós em pagar o imposto de sangue.

No tempo do Sr. Franco de Sá porem, nem centenas de individuos o forão, visto como permanecem ainda incompletos os corpos de linha. O caboclo, criado ou famulo do Sr. José Thomaz, arrancado por esse Juiz de direito das mãos dos soldados em Viana, e dois ou tres individuos mal recrutados em Alcantara onde desde muito se não fazia recrutamento de qualidade alguma, assim como alguns outros de outras partes, forão dispensados pela administração, verificados os motivos de isenção que tinham. Assim o que diz a oposição em seus jornais de recrutamentos de velhos, meninos, viúvos, casados, tortos e aleijados, não são senão patratás que, por falta sem dúvida de informações exactas, engulio o Gaycurá com cujo extracto enche o Observador as páginas do supplemento ao seu n. 42.

No tempo do Sr. Costa Barros, por uma simples denuncia de uma suposta conspiração, foram presos e recolhidos a bordo de embarcações de guerra varios cidadãos respeitáveis que não tinham outro crime, senão o de se mostrarem desafectos ao governo. No tempo do Sr. Franco de Sá foi preso in flagranti por estar aliliando soldados um individuo (Manoel Antonio Gomes da Costa) que no interrogatorio que se lhe fez, comprometia alguns dos principais chefes da oposição, mas nenhum dos compromettidos foi preso, ou levemente encomodado se quer. O mesmo Sr. Maciel da Costa que foi preso em Caxias por tentar perturbar a ordem publica, certamente o não teria sido aqui, se tivesse feito desta cidade o theatro de suas extravagancias, attenta a moderación com que se houve o Sr. Franco de Sá, por occasião da confissão do tal Gomes da Costa.

As elecções desde 1840 para cá quasi que teem sido feitas em todo o Brazil ou pelas massas, ou pela força publica. Aqui forão feitas no tempo do conde de Caxias pelas massas na capital, e em quasi toda a província pela tropa que a ocupava militarmente. No tempo do Sr. Venâncio pelas massas na capital, e pela força publica em muitos pontos do interior. No tempo do Sr. Moura Magalhães oficialmente na capital onde a oposição abandonou inteiramente as urnas, e pela força publica em muitos distritos do interior. No tempo do Sr. Franco de Sá pelas massas na capital, e em quasi toda a província.

E verdade que a oposição disse que o Sr. Franco de Sá empregou força aqui na capital para tolher ao cidadão a livre expressão do voto.—Essa força porém consistiu apenas num pequeno destacamento de 24 a 30 praças em cada freguesia para tomar cacetes e manter a ordem; e forá por demais irrisorio suppor que um tão diminuto numero de praças possesse violentar a liberdade das elecções. Mas o Sr. Franco de Sá era candidato, e tinha interesse imediato nas elecções. A isto respondemos que esse Sr. é filho da província e uma de suas primeiras capacidades, muito aparentado e relacionado nella, e que tem sido sempre eleito seu deputado ainda estando fora dela, para ser posto em paralelo com os Srs. Venâncio e Moura Magalhães que não se achavão aqui arraigados, e sahirão deputados sendo presidentes (\*). Além de que o Sr. Amaral que é imparcial, e não tem pretenções a senatoria, empregou nas actuaes elecções de senador mais força, que o Sr. Franco de Sá nas de deputados, e justifica por este lado o seu antecessor.

Convimos que as nossas elecções praticas são sempre um mal, ou sejaõ feitas pelas massas, ou pela força publica, porque as massas excluem as minorias, e a força publica as maiorias. E esta é a razão porque em todas as elecções que se fazem entre nós de tempos a esta parte, vemos um dos dois partidos que se disputam o campo, ficar inteiramente privado de representação, e o outro obter um triun-

pho completissimo. Mas dos dois males que traz consigo este modo pratico de elecções, é sem duvida muito menor o primeiro, porque nas elecções em que predominam a accão popular desregada, ha ao menos a verdade de ser representada a maioria, se bem que o não seja a minoria, ao passo que nas outras em que predomina a força publica não ha verdade de qualidade alguma, porque a minoria é posta em logar da maioria que alias desaparece totalmente da scena.

Fôra por certo injusto atribuir somente a causa do mal à intolerância dos partidos e as ambições das diversas administrações que se tem sucedido no Brasil, ou a corrupção de uns e de outros. Isto não é bastante para explicar o duplo phemoneno da anarchia e feitura oficial de nossas elecções, sempre repetido, ou a sua constante oposição prática com a teoria escripta, porque tais causas occasioneas não se podem dar sempre, e no mesmo grau de intensidade. Quanto a nós, o mal tem ainda outra causa mais poderosa, e essa consiste em não terem os nossos poderes politicos harmonizado bem com a constituição as leis reguladoras da especie. A constituição pela sua liberalidade quasi que admite o voto universal; pois quem é que não tem cent mil reis de renda liquida no Brasil? Mas as instruções e leis que temos tido ate hoje sobre elecções, excepto as de 26 de Março, todas tendem a restrinquir essa liberalidade da constituição quer pelo metodo da qualificação, quer pela conversão da renda em prata. Seja como for, o que é facto é que o mal tem ido sempre ingravendo desde as instruções de 4 de Maio para cá.

Si no paralelo que havemos feito dos factos das administrações anteriores com os factos analogos da administração do Sr. Franco de Sá, adicionarmos o que fica mencionado na Revista anterior; isto é, tudo quanto esse Sr. fez de util no curto espaço de pouco mais de um anno, promovendo com intelligencia e zelo, nunca desmentidos, os melhoramentos materiaes e moraes da província, seja na construção de obras da mais reconhecida utilidade, seja na reorganização do tesouro provincial e completa restauração de nossas finanças arruinadas, seja emfim na animação de nossa lavora e industria em geral; teremos que si elle foi tyranno como lhe chamaõ os seus apoiados enimulos, muitos dos quais apoiaõ com todas as forças a alguns desses presidentes que mais nos opprimiraõ e vexáram, perseguiendo a imprensa, fazendo recrutamentos violentos, e desnaturando as elecções para se exhortarem na lista de nossos deputados; certo que nunca houve tyranno que mais respeitasse as pubblicas liberdades, e mais desvelado se mos trasse pela prosperidade e engrandecimento de sua patria. Assim como elle foi, é gloria e não labêo ser tyranno. Tem po virá em que, arrefecidos os mesquinhos odios pessoais, os mesmos que hoje o abrangam e deprimem, ainda farão justiça ao homem que com tanta intelligencia e de tão boa vontade promoveõ os verdadeiros interesses dos maranhenses.

*Organisação das mezas para a eleição de um senador por esta província.*

Conceição.

Os Srs. Coronel Izidoro Jansen Pereira,

Justino Francisco Mendes, Antonio Feiliano de Queiroz, João Gonsalves da Cruz, João Cancio dos Passos Cardoso, Sé.

Os Srs. Joaquim Marcolino de Lemos, Antonio Jansen do Paço, Dr. Antonio Joaquim Tavares, José Roberto Trindade, (\*) e Viana.

—Para o numero seguinte historiaremos os factos das actunes elecções de senador com a imparcialidade que é permitida ao escriptor contemporaneo. Por ora só nos limitaremos a dizer que do choque dos partidos ficou não pouca gente ferida e contusa de parte a parte, e entre essa houve 11 ligueiros baionetados pela tropa que em força de cerca de cento e cinquenta praças ocupava as diversas entradas das ruas que vão ter ao largo da Sé.

Dizem que o Sr. Cunha distinguio-se em retribuir o favor que lhe fez o Sr. Franco de Sá, de o conservar no comando do corpo de polícia depois dos feitos das barricadas de S. João, e o Sr. alferes Cassiano em mandar fazer fogo sob sua responsabilidade! Com effeito 3 ou 4 tiros de granadeira forão disparados, mas em direção elevada, e a ninguem ofenderão.

Temos ouvido dizer que os Srs. João Pedro e Jansens fizeraõ uma composição com os nossos adversarios de ceder-lhes a freguezia da Sé, e declararamos que se tal composição houve foi feita sem o consentimento do partido da liga que lhes não deu para isso autorisação, nem de tal teve conhecimento, e é causa particular desses Srs. porque só elles devem ser responsaveis, e que, a existir, teve o fatal desfecho de sacrificar os ligueiros ignorantes do ocorrido ás baionetas dos soldados do Sr. Cunha na Sé que ali derão a victoria aos contrários.

## AVISOS.

—Em Caza dos Srs. Season & Companhia se diz quem tem para vender um escravo proprio para serviço de roça, e por preço commodo.

## RAIMUNDO CARLOS RIBEIRO,

Aluga o armazem por baixo da sua caza da rua do Nazareth que a poucos dias foi desocupado pelos Srs. Almeida & Correia, e na mesma casa continua a vender os objectos por vezes anunciados, bem como chapas dos fugões economicos construidas propriamente para este paiz, Oleo de linhaça &c. &c.

—No armazem de Antonio Pedro dos Santos na rua do Giz casa n. 20, tem para vender por preço commodo os seguintes generos chegados ultimamente de Portugal, frasquinhos de doce de calda de diferentes frutas de Portugal e entre elles geleia, e quartos de marmello, e igualmente tem o mais perfeito doce em boioens das seguintes qualidades, doce de maçam em calda, dito em quartos de marmello, geleia de dito, dita de pera, ginja, pêcado, alperce, figo, marmellada, pera, abóbora, e ameixa.

(\*) Deo parte de doento e em virtude disso entrou o Sr. Dr. José Jansen do Paço.

Mambrão Typographia da Temperança—1848. Impreso por M. P. Ramos, rua Formosa n. 2.

(\*) Não mencionamos o Conde de Caxias porque foi votado por ambos os partidos, em consequencia de ter feito á província o relevante serviço de concluir a sua pacificação principiada pelo Sr. Manoel Felizardo.